

João Tiago Lima

***JOGAR
SEM
BOLA***

Literatura,
Filosofia e
Futebol



oficina

© 2018 by João Tiago Lima

© Oficina Raquel, 2018

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Raquel Menezes

CAPA

Camila Mamede – Cuca Design

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista (jcbaptista@gmail.com)

REVISÃO

Adolfo Silva



oficina

www.oficinaraquel.com

oficina@oficinaraquel.com

facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lima, João Tiago.

Jogar sem bola: filosofia, literatura e futebol. / João
Tiago Lima. – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018

102 p.

ISBN: 9788565505635

1. Literatura 2. Futebol 3. Filosofia

Sumário

O pensamento desportivo, <i>por Evando Nascimento</i>	7
Jogo e fora de jogo em Derrida.....	11
Kostas Axelos, filósofo do jogo planetário	25
Ética e futebol – algumas considerações	39
Estruturalismo derrota <i>catenaccio</i> italiano ou o futebol segundo Eduardo Prado Coelho.....	53
Fernando já não remata ao lado ou o memorialismo (pouco) lírico na poesia de Assis Pacheco	63
A virilha de Eusébio	79
Referências Bibliográficas.....	95

O pensamento desportivo

*Evando Nascimento*¹

É espantoso que a bibliografia sobre as possíveis relações entre esportes, filosofia e/ou literatura seja tão escassa no chamado “país do futebol”. Tanto mais que, nas últimas décadas, as ciências ditas humanas foram invadidas por uma saudável vaga de estudos transdisciplinares. Se, por exemplo, o corpo e suas afecções têm dado matéria para abordagens em diversos setores de investigação, como artes, literatura e filosofia, por que ali onde o volume corporal mais se encontra em evidência – os desportos – as pesquisas acadêmicas híbridas são escassas?

Sendo um pouco mais enfático: não há nenhuma dúvida de que o futebol, o tênis e a natação, entre inúmeras outras práticas, são uma forma requintada de arte, implicando talento, denodo, perseverança e inteligência, para se levar os exercícios a sua mais alta realização. Por que então o silêncio como sintoma de preconceito? Uma hipótese que não pretendo de-

¹ Escritor, ensaísta e professor universitário, publicou, entre diversos outros, *Derrida e a literatura* (3ª. ed. revista e ampliada, É Realizações), bem como os livros de ficção *Retrato desnatural* e *Cantos do mundo* (ambos pela Record).

monstrar, mas apenas aludir: talvez o fato de os esportes terem se tornado, ao longo do último século e ainda no atual, objeto de maciça exploração midiática tenha gerado nos pesquisadores universitários certa aversão instintiva. Porém, justamente, hoje mais do que nunca a crítica da grande mídia faz parte da grade curricular de comunicação e letras!

A coletânea de ensaios publicados por João Tiago Lima sobre o assunto preenche com brilho parte dessa imperdoável lacuna e decerto estimulará o desenvolvimento de outros estudos do mesmo gênero. Assim, quando recebi o convite para fazer uma curta apresentação deste *Jogar sem bola*, fiquei de imediato seduzido pelo subtítulo, exatamente por reunir áreas normalmente separadas na história do pensamento: *Literatura, filosofia e futebol*. Substituindo-se a palavra futebol por *jogo*, tem-se a dimensão das reflexões que o autor intenta compor, com recurso a, entre outros, Heráclito, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, Jacques Derrida, Kostas Axelos, Eduardo Prado Coelho e Herberto Helder. Com isso, abre-se a possibilidade de se desenvolver um verdadeiro “pensamento lúdico ou desportivo”.

A meu ver, o capítulo mais importante seria “Ética e futebol – algumas considerações”, que aborda as relações entre jogo e ética. Entre tantos aspectos, comparece aquele que se refere à noção de *erro*. Para o autor, o erro é parte do jogo, na medida em que a infração às regras está prevista e deve ser corrigida sempre que ocorrer. Aqui talvez se imponha a distinção entre *falta* e *erro*. As faltas são cometidas pelos jogadores e devem ser reparadas pelo árbitro, com a ajuda de seus assistentes. Todavia, quando o próprio juiz se equivoca, por exemplo, não apontando uma falta ou apontando indevidamente uma falta que não houve, aí tem-se o chamado erro de arbitragem. Os jogadores também erram quando – não satisfeitos em in-

cidir numa falta, a qual faz parte de qualquer jogo – acabam agredindo-se uns aos outros, devendo ser expulsos de campo para que a partida continue a transcorrer.

Em síntese, a falta faz parte do jogo, e é dentro dele mesmo reparada, sem necessidade de exclusão dos infratores ou de posterior punição ao juiz, conforme for o caso. Já o erro rompe o contrato desportivo e por isso deve-se afastar quem o comete, a fim de que o jogo não seja prejudicado. Do ponto de vista ético, isso é sumamente importante, pois coloca a todos na perspectiva da alteridade: importam não somente as regras, mas também os indivíduos que a elas se submetem ou deixam de se submeter, em face do outro. Como bem arremata João Tiago Lima: “É preciso, portanto, repensar as relações entre a ética e o futebol à luz da própria historicidade das regras do jogo e sobretudo dessa espécie de experiência limite que consiste em saber jogar com elas”.

Jogo e fora de jogo em Derrida

*Nous jouions jusqu'à la nuit noire,
je rêvais de devenir un joueur professionnel*

JACQUES DERRIDA

I

Numa carta enviada a Kostas Axelos a 27 de setembro de 1965, Jacques Derrida escreve o seguinte:

O ponto a partir do qual o senhor dialoga com os pensadores da história – e nomeadamente com Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger e [Eugen] Fink – é o mesmo à volta do qual me procuro incessantemente deslocar. Começo agora a compreender melhor a noção de *jogo* que durante muito tempo me pareceu suspeita, de resto ainda me parece um pouco, desde Heráclito até Fink. Percebo bem que é preciso compreender a

significação intramundana do jogo a partir do jogo do mundo e não o inverso, mas o laço metafórico entre os dois *jogos* ainda me perturba um pouco (...) (Derrida *apud* Haviland, 1995, p. 146).

Está ainda por estudar, creio, a relação entre o pensamento planetário de Kostas Axelos e a desconstrução,¹ mas o que pretendo aqui fazer tem um objetivo porventura mais limitado. Trata-se de tentar compreender o papel do conceito de jogo em Derrida, nomeadamente no ensaio “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. Este texto é a versão escrita da conferência que o filósofo francês proferiu, no dia 26 de outubro de 1966, durante o Colóquio Internacional da Universidade John Hopkins (Baltimore, EUA) sobre “As linguagens críticas e as ciências do homem” e é também o antepenúltimo capítulo do livro *L'écriture et la différence* que, jun-

1 Entre as muitas possíveis, prefiro a *definição* de desconstrução proposta por Geoffrey Bennington, num livro que publicou em conjunto com o próprio filósofo francês de origem argelina e que passo a citar: “Quase tudo o que Derrida escreveu consiste muito mais em leituras (num sentido que importa precisar) de textos filosóficos e literários da tradição do que num sistema de teses que lhe sejam próprias. Podemos imaginar Derrida como se fosse a modéstia em pessoa, apenas preocupado em ler e em reler os seus antecessores com uma atenção minuciosa, decidido a perder o tempo que for preciso com o mais pequeno detalhe, com a mais pequena vírgula, como se fosse o guardião da letra dos velhos textos, não acrescentando nada que não tivesse já sido escrito por um outro, enfim, nada contemporâneo – e isso é verdade. Mas também o podemos imaginar de uma maneira completamente oposta, o cúmulo da imodéstia. Forçando esses mesmos textos a dizer algo de completamente diferente do que sempre pareceram dizer; enunciando a todo o momento teses ou hipóteses sobre a totalidade daquilo a que chama metafísica ocidental; seguro de ter diagnosticado a verdade escondida e impensada de todos os outros, saído, ele e só ele, o mais contemporâneo dos nossos contemporâneos, de uma cegueira filosófica milenária – e isso não é falso” (Bennington, 1991, p. 10-11).

tamente com *De la grammatologie* e *La voix et le phénomène*, obras todas editadas em 1967, marcam a entrada de Derrida na cena intelectual parisiense.

Este ensaio interpela-me, no mínimo, por duas razões. Por um lado, questiona o estruturalismo no preciso momento em que este movimento – que é simultaneamente epistemológico, filosófico e cultural – é apresentado nos Estados Unidos. David Carroll era na altura um jovem estudante na Universidade John Hopkins e confessa o que sentiu então: “Estávamos prestes a descobrir o que era o estruturalismo e eis que ele [Derrida] punha em causa tudo aquilo que começávamos a aprender. Percebi de imediato que se tratava de um acontecimento” (Carroll *apud* Peeters, 2010, p. 210, 211).

Ora, neste questionamento do estruturalismo e, claro, do conceito de estrutura, as noções de jogo e de acontecimento jogam uma cartada decisiva – e esta é a segunda razão pela qual penso que é preciso ler ou reler “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, uma conferência que, pelo menos segundo David Carroll, constituiu um acontecimento na universidade norte-americana e que é, aliás, o primeiro texto de Derrida traduzido para língua portuguesa e, não por acaso, através de um grande poeta, António Ramos Rosa.

O texto fala-nos, com efeito, de um acontecimento que, à primeira vista,² terá ocorrido na história do conceito de estrutura. Um acontecimento que é, ao mesmo tempo, uma ruptura e uma duplicação (*redoublement*). Trata-se, portanto, de um

2 É preciso sublinhar que se trata apenas de uma hipótese, dado que o ensaio começa por uma espécie de interrogação: “Talvez na história do conceito de estrutura se tenha verificado aquilo a que se poderia chamar um “acontecimento” (Derrida, 1968, p. 101).

texto-acontecimento que é, no mesmo lance, qualquer coisa que sublinha e rompe com uma continuidade. Um texto, pois, que gira em torno de um acontecimento que mudou o próprio jogo da estrutura. Mas o que é, afinal, a estrutura? O que significa realmente a estruturalidade da estrutura? Derrida tenta responder a esta questão do seguinte modo:

Até ao acontecimento que eu desejaria determinar, a estrutura, ou antes a estruturalidade da estrutura, conquanto sempre ativa, foi sempre neutralizada e reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em reportá-la a um ponto de presença, a uma origem fixa. (Derrida, 1968, p. 101, 102)

Tal centro deveria permanecer dentro e fora da estrutura. O seu papel será, no entanto e pelo menos de uma certa maneira, por um lado incontornável (é impossível haver estrutura sem centro) e, por outro, impossível (o centro não é o centro da estrutura). Dir-se-ia que, na estrutura, o centro não se pode tornar absolutamente central. Pelo contrário. Deve centralizar mas não pode imobilizar o jogo dinâmico da estrutura. O centro abre o jogo da estrutura. Torna-o possível. Mas o centro está também implicado no próprio jogo. É quase *dejogado* (se é possível traduzir à letra o termo *dejoué* muito caro a Kostas Axelos) porque apanhado num jogo que já não domina. O centro está portanto em jogo e fora do jogo. O próprio jogo torna o centro indispensável e impossível. Indispensável porque o jogo necessita de uma organização para regular a relação dinâmica entre cada um dos seus elementos e somente o centro, porque se encontra, quer fora, quer dentro do jogo, pode jogar esse papel organizador. Mas, por outro lado, o centro precisa de se apagar para que haja jogo. O centro é uma espécie de árbitro que joga deixando jogar. Se não há jogo, o árbitro

não arbitra; em contrapartida, sem o árbitro ou sem alguém que desempenhe essa função, o jogo nunca chega a acontecer. No entanto, podemos imaginar um árbitro que constantemente intervém no próprio jogo, um pouco como se fosse um Deus *ex machina* muito agitado e impaciente. Nesse caso, o árbitro arrisca-se a matar o próprio jogo. O centro torna-se quase onipresente e o jogo vê-se de certa forma imobilizado. Diz-se frequentemente na linguagem do futebol que o melhor juiz é aquele no qual ninguém repara não só porque organiza o jogo tornando-o possível, mas também porque se apaga sob a dinâmica essencial dos elementos do jogo, do qual, em rigor e paradoxalmente, ele não faz parte.

É possível dizer-se que o *acontecimento estruturalista* suspendeu o jogo da estruturalidade da estrutura. Derrida assinala-o de uma maneira exemplar dizendo o seguinte:

Toda a história do conceito de estrutura, antes da ruptura de que falamos, deve ser pensada como uma série de substituições de centro a centro, um encadeamento de determinações do centro. O centro recebe sucessivamente, e de uma maneira regular, formas ou nomes diferentes. A história da metafísica, tal como a história do Ocidente, seria a história destas metáforas e destas metonímias (Derrida, 1968, p. 103).

Escondida por detrás de todas estas metáforas e de todas estas metonímias, a estruturalidade da estrutura jogava (e joga ainda) o seu inesgotável jogo, procurando dinamicamente subtrair-se à manipulação do centro. Melhor: à manipulação de cada novo centro que é sempre o mesmo ainda que tome a forma de um outro. Posso até interrogar-me acerca da origem ou da razão de ser, por longínquas que elas sejam, deste jogo. Eis a hipótese de resposta apresentada por Derrida:

A sua forma matricial seria (...) a determinação do ser como *presença* em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio ou do centro designaram sempre a invariante de uma presença (*eidos, arche, telos, energeia, ousia*) (essência, existência, substância, sujeito), *aletheia* (transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.) (*ibidem*).

E agora – Derrida vai correr esse risco –, agora a estrutura. Esta estrutura que dá a ver tudo o que estava em jogo na determinação do ser como presença e, ao mesmo tempo, se torna ela própria centro, duplicando o jogo e tornando-se, por sua vez, numa nova metáfora no jogo da série de substituições entre cada (novo) centro. Dentro e fora deste jogo e desta história, a estrutura não pode *volens, nolens* ficar fora de jogo. Tal foi a impossibilidade vivida (diria mesmo *em que a sua vida se jogou*) pelos importantíssimos precursores da ruptura estruturalista: Nietzsche e a sua *crítica* da metafísica e dos conceitos de ser e de verdade; Freud e a sua *crítica* da consciência, do sujeito e da identidade pessoal; Heidegger e a destruição (ou a desconstrução, segundo uma hoje famosa nota de pé de página derridiana que apareceu em *De la grammatologie* – voltarei adiante a este ponto) da metafísica como *onto-teologia*. Apesar de todas as diferenças e para além da leitura que de cada um deles faz Derrida, na época do estruturalismo ou mais tarde, estes três nomes decisivos correspondem, no mesmo lance, ao desejo de pensar fora do jogo metafísico e à contradição de não poder cumprir esse propósito. Sobre este tópico, encontro já em “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” uma síntese muitíssimo elucidativa, a saber:

Todos estes discursos destrutivos e todos os seus análogos estão envolvidos numa espécie de círculo. Este círculo é único e descreve a forma da relação entre a história da metafísica e a destruição da história da metafísica: *não há nenhum sentido* em prescindir dos conceitos da metafísica para abalar a metafísica; não dispomos de nenhuma linguagem – como aliás de nenhuma sintaxe, nem de nenhum léxico – que seja alheia a esta história; não podemos enunciar nenhuma proposição destrutora que não se tenha já introduzido na forma, na lógica e nas postulações implícitas daquilo que precisamente ela desejaria contestar (Derrida, 1968, p. 104, 105).

Quer isto dizer que não há verdadeiramente ruptura com o acontecimento estruturalista de que se tem vindo a falar? Pelo contrário. O que é preciso assinalar é algo completamente diferente, ou seja, que não há ruptura sem duplicação. Não há fora de jogo sem jogo e, por outro lado, não há jogo sem fora de jogo. Tentarei explicar isto regressando aos conceitos de estrutura e de jogo. Após uma análise pormenorizada do modo como o estruturalismo em Lévi-Strauss marca uma ruptura na (e ao mesmo tempo uma duplicação da) história da metafísica, Derrida termina o texto da sua conferência na Universidade John Hopkins fazendo uma espécie de *fenomenologia do jogo* que se funda nas relações sempre dilemáticas entre jogo e presença:

O jogo é a “disrupção” da presença. A presença de um elemento é sempre uma referência significante e substitutiva num sistema de diferenças e o movimento de uma cadeia. O jogo é sempre jogo de ausência e de presença, mas se se quiser pensá-lo radicalmente é preciso pensá-lo antes da alternativa da presença e da ausência; é preciso pensar o ser como

presença e ausência a partir da possibilidade do jogo e não o inverso (Derrida, 1968, p. 121).

Considero esta última frase um indiscutível eco da carta enviada por Derrida a Kostas Axelos alguns meses antes e que atrás citei: “é preciso compreender a significação intramundana do jogo a partir do jogo do mundo e não o inverso”³

Para além disso, Derrida sublinha que Lévi-Strauss atribui uma grande importância ao conceito de jogo, mas ao mesmo tempo “[n]ão se deixa por isso de se aperceber nele [quer dizer no antropólogo estruturalista] uma espécie de ética da presença, de nostalgia da origem, da inocência arcaica e natural” (Derrida, 1968, p. 121).

Constato de novo aqui a coerência na contradição. Lévi-Strauss quer, por um lado, superar o primado de um significado transcendental, independente de todo o jogo da significação, mas, por outro lado, permanece fiel a uma ideia de presença pura, anterior ao processo da estruturalidade da estrutura. Dir-se-ia que, de um certo modo, Lévi-Strauss volta

3 Em *De la Grammatologie* Derrida desenvolve uma vez mais este tópico: “Poderíamos denominar *jogo* a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia e da metafísica da presença” (Derrida, 1973, p. 61). E, antes de citar explicitamente os nomes de Eugen Fink e de Kostas Axelos em nota de rodapé, Derrida formula a questão do jogo em termos muito próximos dos usados pelo filósofo de *Le jeu du monde*: “Para pensar radicalmente o jogo, é, pois, preciso primeiramente *esgotar* seriamente a problemática ontológica e transcendental, atravessar paciente e rigorosamente a questão do sentido do ser, do ser do ente e da origem transcendental do mundo – da mundanidade do mundo – seguir efetivamente e até ao fim o movimento crítico das questões husserliana e heideggeriana, conservar-lhes a sua eficácia e a sua legibilidade” (*ibidem*). E ainda: “É pois o *jogo do mundo* que é preciso pensar *primeiramente*: antes de tentar compreender todas as formas de jogo no mundo” (*ibidem*).

a encontrar, num novo contexto, as dificuldades com as quais *jogaram* Nietzsche, Freud e Heidegger. É por isso que Derrida observa que há sempre duas formas possíveis de interpretar o jogo.

Uma procura decifrar, sonha decifrar uma verdade ou uma origem que escapem ao jogo e à ordem do signo, e vive como um exílio a necessidade da interpretação. A outra, que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e tenta passar para lá do homem e do humanismo, sendo o nome do homem o nome desse ser que, através da história da metafísica ou da onto-teologia, quer dizer, de toda a sua história, sonhou a presença plena, o fundamento tranquilizador, a origem e o fim do jogo (Derrida, 1968, p. 122).

Ora, é possível encontrar estas duas formas de interpretar o jogo em Lévi-Strauss, mas também em Nietzsche, em Freud e em Heidegger. E no próprio Derrida também, na medida em que ele mesmo se confessa perturbado pelos laços metafísicos que se jogam nos diferentes usos da palavra jogo. Do meu ponto de vista, abre-se aqui uma via possível para tentar compreender os motivos pelos quais o conceito de jogo desapareceu quase por completo das obras mais recentes de Derrida.

II

De fato, verifica-se que, sobretudo depois de *La dissémination* (1972), o conceito de jogo aparece cada vez menos em Derrida. Posso mesmo dizer que, num certo sentido, o termo jogo passou a estar fora de jogo. Qual é – devo interrogar-me – o significado desta ausência? De resto, o próprio Derrida em

Limited Inc., mais exatamente na longa conversação mantida com Gerald Graff “Em direção a uma ética da discussão”, no contexto de uma célebre e por vezes agressiva polêmica com John Searle, retorna aos seus “primeiros textos” (Derrida, 1991, p. 155) sublinhando o uso que aí fez do “léxico do *jogo*” (*ibidem*). Analisarei com muita brevidade o contexto dessa evocação dos primeiros textos (entre os quais se conta, claro, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”). Tal regresso sucede durante um diálogo que, bem vistas as coisas, começa com um problema colocado por Graff e que consiste no seguinte: “Alguns críticos americanos de seu trabalho (logo Searle) acusam-no de montar uma espécie de escolha na forma do “tudo ou nada”, entre realização pura da presença a si e, em contrapartida, total jogo livre (*complete replay*) ou indecidibilidade” (Derrida, 1991, p. 154).

Eis agora como responde Derrida:

Primeiro, eu nunca propus “uma espécie de escolha na forma do *tudo ou nada*, entre realização pura da presença a si de um lado e total jogo livre (*complete freeplay*) ou indecidibilidade, de outro lado”. Nunca acreditei nisso e nunca falei de “total jogo livre ou indecidibilidade”. Estou certo de que os “críticos americanos de meu trabalho” não podem achar nada em meus textos que corresponda a isso. E com razão. Não há completude possível para o “*freeplay*” (...). Não há, sobretudo, completude possível para a indecidibilidade (Derrida, 1991, p. 155).

Dito isto, Derrida aborda em seguida o termo *freeplay*, dizendo que ele ganhou uma importância verdadeiramente surpreendente antes de mais para ele próprio: “Supervalorizada em meus textos nos Estados Unidos, essa noção de *freeplay* traduz inadequadamente o léxico do ‘jogo’ de que me servi em

meus primeiros textos, *muito pouco em suma e de modo muito limitado*” (*ibidem*, grifo meu).

Para mim, há aqui uma similitude muito nítida entre o uso do termo *jogo* e o uso do termo *desconstrução* naqueles a que Derrida chama os seus “primeiros textos”. É conhecida a frase que consta de uma outra carta de Derrida, esta enviada a um amigo japonês, o Professor Izutsu: “Quando escolhi este termo [desconstrução], ou quando ele se me impôs, penso que terá sido em *De la grammatologie*, nunca pensei que lhe viessem a atribuir um papel tão importante no contexto do discurso que então me interessava” (Derrida, 1987, p. 388).

Esse reconhecimento e essa importância começaram, eles também, nos Estados Unidos,⁴ mas muito rapidamente se tornaram planetários e hoje o termo desconstrução propaga-se de um modo quase tão indefinido e ilimitado como outros termos clássicos da história da filosofia como, por exemplo, o termo ensaio (Montaigne) ou crítica (Kant). Ora, a destinação do termo *jogo* em Derrida não foi seguramente tão feliz.⁵ Parece haver mesmo um lamento, até mesmo um pequeno

4 Derrida conta um pouco desta história por exemplo em *Mémoires – Pour Paul de Man*: “Para se falar da ‘desconstrução na América’, seria necessário pretender saber daquilo de que se fala – e, antes de mais, o que se entende ou delimita sob o nome ‘América’. Ora, o que é a América neste contexto? Se estivesse menos vezes associado a esta aventura da desconstrução, arriscaria, sorrindo modestamente, a hipótese seguinte: a América, mas eis o que é a desconstrução. Seria, *nesta hipótese*, o nome próprio da desconstrução em curso, o seu nome de família, a sua toponímia, a sua língua e seu lugar, a sua residência principal. Como definir *hoje* os Estados Unidos sem integrar este dado na descrição: o espaço histórico que, hoje, em todas as suas dimensões e através dos seus *jogos de força*, se mostra incontestavelmente o mais sensível, o mais receptivo ou o mais reativo face aos temas e aos efeitos da desconstrução?” (Derrida, 1988, p. 41, grifo meu).

5 Pelo contrário, Kostas Axelos publica em 1969 um livro importante, intitulado justamente *Le jeu du monde*, que o filósofo grego integra (com *Contribution à*

remorso em relação à insistência inicial neste léxico do “jogo” e é possível recensear isso mesmo no tom da resposta dada a Gerald Graff no contexto da polêmica com os críticos americanos do seu trabalho – sempre a América, nem é preciso voltar a sublinhá-lo.

Chegou, então, o momento de retomar a minha questão central neste capítulo. A problemática do jogo, o léxico do jogo, a própria “noção de *jogo*” que, “durante muito tempo pareceu suspeita” a Derrida, terá ela ficado por fim fora de jogo? E o que significa mesmo *ficar fora de jogo*? No documento das Leis do Jogo da *Rugby Union* (o rugby é uma espécie de familiar não muito afastado do futebol), consigo encontrar uma pista que me parece tentadora: “Fora de jogo [ou impedido] significa que um jogador deixa de poder, momentaneamente, participar no jogo. Qualquer jogador em posição de fora de jogo é passível de penalidade no caso de intervir no jogo” (Regras da World Rugby, 2017).

Um outro trilho possível seria, assim, avançar no estudo das relações entre aquela noção que “durante muito tempo me pareceu suspeita” e quem “está fora de jogo”, ou seja, quem “é passível de penalidade no caso de intervir no jogo”, mesmo que não jogue senão “momentaneamente” ou até “muito pouco em suma e de modo muito limitado”.

Mas este silêncio em redor do léxico do “jogo”, seja ele voluntário ou involuntário, suspeito ou insuspeito, passível de penalidade ou inocente – esse não seria nunca o jogo decisivo ou o *tie-break* como se começou por dizer nos Estados Unidos

la logique, 1977, e *Pour une éthique problématique*, 1972) numa trilogia designada *Le déploiement du jeu*. Mas Kostas Axelos questiona também a problemática do jogo em outras obras mais recentes como *Problèmes de l'enjeu* (1979) ou pelo menos num capítulo de *Ce questionnement* (2001), por exemplo.

e agora se ouve por todo o lado –, este silêncio não basta por si só, arrisco eu esta hipótese, para que o jogo se torne absolutamente fora de jogo em Derrida. Por isso avanço uma hipótese que pode, ela própria, parecer suspeita ou mesmo passível de penalidade.

Falando do seu trajeto e da especificidade do seu trabalho de leitura e de escrita e como esse trabalho – arrisco de novo: a desconstrução, mesmo que não exista qualquer coisa como um método da desconstrução – se inscreve no contexto da tradição filosófica, Derrida confessa:

Pela minha parte, sinto-me herdeiro: fiel quanto possível, amante, ávido de releituras e fruições filosóficas que *não são somente jogos de esteta* (eu sublinho: JTL). Gosto da repetição, como se o futuro confiasse em nós, como se nos esperasse na cifra de uma palavra muito antiga – e que ainda não deixou de falar (Derrida, 1992, p. 139).

A desconstrução ? Mas a desconstrução não consiste somente em *jogos de esteta*. O advérbio *somente* não joga, neste contexto, um papel menos relevante. Encontro aqui um dos grandes desafios da desconstrução que também é, ao mesmo tempo, uma ruptura e uma duplicação. Com efeito, para além do papel crítico ou até destrutivo da desconstrução, Derrida fala-nos também da fidelidade (“fiel quanto possível”) – uma fidelidade que não exclui a avidez nem neutraliza a fruição; talvez mesmo uma fidelidade que implica e se implica num jogo estético ou até erótico. Mas não somente. Deparo-me mais uma vez, em Derrida também, com uma espécie de “nostalgia da origem”, “uma palavra muito antiga” mesmo (ou sobretudo) se ela se encontra abrigada na cifra de um segredo. Um segredo que, por um lado, me convida a voltar ao passado

de uma palavra muito antiga, mas que, por outro, quer que o futuro nos permaneça fiel. Tanto quanto possível. É que também gosto da repetição. E, sim, eu também jogava futebol até ao cair da noite escura.